

guara 27, “com as últimas criações parisiennes”, conforme relata a *Gazeta* de 1º de julho de 1921. E o mesmo jornal, três anos mais tarde, informa sobre o lançamento, em Paris, de uma variante do *shimmy* e do *fox-trot* — o *fox-blue*: “Não demorará muito e tê-la-emos nos salões do Rio”, diz a nota, “então não custará a chegar a esta terra de Campinas”.<sup>3</sup>

Na pequena Jaú, não obstante a poeira das ruas e a solidão dos cafezais, Apolônio Hilst anotava que “se existe uma arte moderna, deve ser a da toalete”. E sardônico: “Há mulheres que cada dia possuem uma alma nova”.<sup>4</sup> Sério ou frívolo, a verdade é que tinha apreendido a mesma espécie de pensamento que assaltara Hildebrando em Campinas e Antonio Ferro em Lisboa. Não era outra coisa o que desejava expressar quando dizia só amar “o brilho pechisbeque das cousas” ou só aquilo “que mostra a fatuidade dos recortes sábios do artifício”. E ensaiava recomendar aos jauenses:

Arte de vestir! Devemos ter uma alma inédita para cada momento da existência, em rítmica harmonia com o ambiente, a cor da hora, e a inteligência emocional das pessoas e cousas que nos cercam. Só a divina e complicada arte da toalete, a um grau de perfeição sutilíssima de expressão e sensibilidade, nos pode dar o prodígio divinizante.<sup>5</sup>

Um colaborador da “Seção dos Novos”, Alberto Sarmiento Sobrinho, deliciava-se com “a última” anunciada em Paris, recomendando-a imediatamente às mulheres campineiras. Tratava-se de beijar uma folha com os lábios impregnados de carmim, deixando na página a impressão labial para que — nova forma de escritura — o cavalheiro deixasse nela o seu autógrafo. Em nome da originalidade solapava-se a velha fórmula do beijo carnal em favor de uma outra, simbólica, mediatizada pelo papel.

O que isso pudesse significar, não passou despercebido a Aristides, cujos poemas buscavam uma notação mais característica do tempo. Em “A flor da moda”, de 1923, observa-se a intenção cerebrina de esboçar o retrato de “uma mulher da época”, nela resumindo os atributos artificiais que a década lhe fornecia, esvaziando-a, ao mesmo tempo, de todo conteúdo interior.

Ela é uma flor que tem os dedos como fusos  
e as unhas como garras  
Ama a penumbra, os tons quebrados,

a malícia sagaz dos olhares velados  
e os estilos confusos.  
Sua alma é como um coro de cigarras,  
estrídulo, monótono, gritante.<sup>6</sup>

Se os “dedos como fusos” e as unhas “como garras” lembram, de um lado, a animalidade feminina entregue ao ritmo erotizante do *shimmy* e do *jazz*, remetem, de outro, à inserção da mulher no serialismo da vida moderna, “a vida industrial” que, segundo Antonio Ferro, “é um *jazz-band* de roldanas, de guindastes e motores”. A dissonância “estrídula” de tal vida levava inevitavelmente aos “tons quebrados” e aos “estilos confusos”.

Símile de *La garçonne*, de D. Dolorosa, de Mlle. Cinema ou da *Leviana*, a mulher moderna é aquela que

lê os livros proibidos em segredo  
e detesta as teorias moralistas.

Ou que:

Nos bailes, embriagada pela orgia  
que traz a dança — em luxúria ignota —  
que é feita de belezas e arrepiã,  
requebra o corpo histórico, foxtrota.<sup>7</sup>

Antes mesmo que pudesse conhecer o conselho de Antonio Ferro (“a nossa época não se julga: canta-se”), Aristides já se decidira por isso, deixando claro que cantava “a mulher última moda / essa mulher que é toda / nervos e sensualismo”.

É a flor da moda, a Vênus  
elegante,  
toda século vinte.<sup>8</sup>

Em fins de outubro desse ano, após completar um giro por Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Santos, Antonio Ferro retorna a Campinas para pronunciar uma segunda conferência.<sup>9</sup> Sugestivamente intitulada “A idade do *jazz-band*”, era peça mais madura e menos aforística que “A arte de bem morrer”, e também mais representativa da época. Procurava, justamente, apanhar o espírito de ebulição dos anos 20 e reforçar com habilidade retórica algumas de suas teorias pessoais, especialmente a da artificialidade como tótem do moderno.